

O FILME COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

José Roberto dos Santos POMBO (G-UFPA)
Elson de Menezes PEREIRA (UFPA)

RESUMO

O objetivo deste artigo é verificar como o gênero filme é empregado em atividades de ensino e aprendizagem por docentes, do município de Gurupá, no ensino fundamental II. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado uma entrevista semiestruturada a seis professores, com o propósito de deslindar as metodologias que são utilizadas no momento de usar o gênero fílmico no ambiente escolar. As análises têm como aporte as pesquisas de Napolitano (2011), Xavier (2008) e Fantin (2007). Como conclusão é possível afirmar que todos os entrevistados fazem uso do filme como instrumento educacional, porém, o aporte teórico-metodológico, dos professores entrevistados, se constitui em aspecto limitador de uso das múltiplas perspectivas que o emprego do gênero filme em atividades de ensino e aprendizagem pode oferecer.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Filme. Ensino e Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A educação é um processo lento e bastante complexo que envolve fatores sociais, econômicos, familiares, etc. No entanto, o que é levado mais em conta no ramo educacional são os chamados conteúdos programáticos (conteúdos curriculares). Muitos educadores baseiam-se e sustentam-se no modo de ensinar na transmissão oral e escrito do conhecimento, não levando em conta outros métodos também eficazes. Esses métodos ou práticas surgiram em decorrência de avanços tecnológicos que estão presentes e marcantes no cotidiano dos alunos e de suas famílias.

Um objeto que está no dia-a-dia de todas as pessoas e é de fácil acessibilidade são os filmes. Segundo Napolitano (2011, p. 7) “Há mais de um século o cinema, provoca e comove bilhões de pessoas em todo o mundo. Dentre estes bilhões de pessoas que regularmente foram, vão e iram assistir a filmes [...] certamente estão incluídos milhões de professores e alunos”. Nessa perspectiva, considerar o cinema como um meio significa que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação, de educação e de fruição. Em outras palavras, tornará o filme uma ferramenta didático-pedagógica.

Neste contexto o objetivo deste artigo é verificar como o gênero filme é empregado em atividades de ensino e aprendizagem por docentes, do município de Gurupá, no ensino fundamental II. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado uma entrevista semiestruturada a seis professores, com o propósito de deslindar as metodologias que são utilizadas no momento de usar o gênero fílmico no ambiente escolar. As análises têm como aporte as pesquisas de Napolitano (2011), Xavier (2008) e Fantin (2007). Como conclusão é possível afirmar que todos os



entrevistados fazem uso do filme como instrumento educacional, porém, o aporte teórico-metodológico, dos professores entrevistados, se constitui em aspecto limitador de uso das múltiplas perspectivas que, emprego do gênero filme em atividades de ensino e aprendizagem pode oferecer.

1 FILME: “DO ARGUMENTO AO ROTEIRO”; “DO ROTEIRO A PRODUÇÃO” E; “DA EDIÇÃO À EXIBIÇÃO”

Os seres humanos como são as únicas criaturas que possuem a capacidade de comunicar-se verbalmente, e precisam está em constante interação verbal. A história nos dias atuais é contada de três formas distintas que são: oral, escrita e visual. Ambas são apresentadas em uma estrutura diferente, mas interligadas no seu conteúdo central que é repassar alguma informação, seja ela mais simples que for.

A arte de contar e ouvir histórias nas formas orais ou escritas nos dias atuais tem sofrido uma grande mudança no seu aspecto tradicional, pois se vivencia na contemporaneidade a evolução tecnológica que faz com que a humanidade dependa cada vez mais dos dispositivos eletrônicos. Evidencia-se isso na utilização dos meios de comunicação para repassar alguma informação. Os meios mais utilizados para a comunicação de mensagens e informações e a transmissão de cultura são apoiados na imagem e com o texto escrito em segundo plano. Esses meios são representados pelo cinema, televisão, revistas, jogos eletrônicos e telenovelas (PELLEGRINI, 2003).

Por essa razão a forma mais difundida de contar e ouvir histórias na sua totalidade são os meios audiovisuais. Entre esses meios destaca-se o cinematográfico, pois os aspectos comunicacionais e estéticos presentes em um filme capturam as atenções daqueles que o assistem. Nos meios que fazem da escrita sua principal ferramenta, palavras e acentuações dialogam com a criatividade e capacidade de concatenação do leitor. Já no cinema os recursos audiovisuais potencializam o desenvolvimento e interpretação do enredo seja ficcional ou empírico. Essas modalidades possuem em comum o processo de composição narrativa.

Nesse sentido, Napolitano (2011, p. 57-61) enfatiza que o filme é estruturado por vários tipos de linguagens comunicacionais e estéticas e que a linguagem cinematográfica tem início no momento que é pensado em fazer e como fazer um filme. Napolitano divide essa linguagem em três partes, que são: “Do argumento ao roteiro”; “Do roteiro a produção” e; “Da edição à exibição”.

O argumento é formado por uma simples e breve sinopse do filme, pois toda produção audiovisual é advinda de uma ideia básica. Esse pensamento é escrito no papel e se transforma em uma sinopse que contem os personagens, o pano de fundo da história e a trama básica. Com o argumento criado é repassado para um profissional na área do cinema que recebe o nome de

roteirista. No instante que o roteirista recebe o argumento e faz às devidas alterações e aperfeiçoamentos colocando a sequência narrativa, as cenas, os diálogos e personagens principais e secundários, o argumento passa a se chamar de roteiro.

O roteiro é uma das principais ferramentas da produção cinematográfica e permite apresentar a estrutura narrativa do filme. Propõe a narrativa, determinando personagens, conteúdo dramático e a própria estrutura da história presentes na obra audiovisual. É a história descrita por meio de imagens, sons, diálogos e interpretações, em que a narrativa possui início, meio e fim. A estrutura narrativa é essencial para uma obra cinematográfica, servindo de base para a história.

No cinema industrial antes de ser entregue o roteiro para o roteirista é feito com o apoio da sinopse um planejamento parcial de como será efetivado o filme. É realizada a escolha dos profissionais que vão produzir o filme, a equipe de filmagem e os atores que irão interpretar os personagens, são avaliados os recursos que serão empregados: rolos de filmes; equipamentos especiais; aluguel de estúdios; custo com cenário; figurino, deslocamento e viagens para tomadas externas, salários e cachês. Portanto, o diretor quando recebe o roteiro para filmar, recebe também um orçamento geral com os gastos da produção do filme. Sendo assim, pode-se constatar que o argumento é a parte principal da história contada no filme, mas o roteiro é de suma importância, porque é com o auxílio dele que irá ser construído ou montado o filme.

Definido o roteiro, cabe à direção geral as etapas de produção e filmagem do filme. Na fase de filmagem o diretor escolhe planos e sequências, tomando como base, em muitos casos, de roteiro preestabelecido (storyboard).

Após a produção, inicia-se a etapa final de construção do filme que é da edição à exibição. Na edição ou montagem do filme é feita a escolha da sequência narrativa com os efeitos sonoros, efeitos especiais, as trucagens e as correções em geral, culminando na versão final que irá para o cinema. A edição pode interferir no ritmo da narrativa, no desfecho da história, etc. Muitas vezes as sequências de filmagem não seguem a lógica que vemos nos filmes, pois cenas que assistimos no início de um determinado filme podem ter sido gravadas por último e, cenas que vemos nos finais dos filmes foram filmadas no início da produção audiovisual.

É na edição que filmagens que duraram meses e meses se transformam em um filme de algumas horas. A pessoa que decide a sequência narrativa de um longa-metragem é o diretor com a ajuda do editor (montador) na hora da edição, ou seja, a ordem que vemos nos filmes são produtos da edição final. Essa edição pode ser realizada em um aparelho chamado de moviola ou em um computador (edição eletrônica), nesse momento são selecionadas as cenas que irão formar o copião (cópia de todos os planos de um filme, apenas com imagem sem som). Esse é um processo



mecânico ou eletrônico que consiste em cortar e emendar trechos filmados, selecionar as melhores sequências e organizar as unidades narrativas da história até o desfecho final do filme.

No instante que o filme é terminado chega o momento de leva-lo para a exibição ou mercado cinematográfico de exibição. O filme já produzido é entregue para uma distribuidora que contrata uma agência de publicidade que irá cuidar do pré-lançamento até o seu lançamento e coordenar o marketing e a publicidade.

2 O CINEMA E O ENSINO

“Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.”

(Charles Chaplin)

O cinema é considerado um marco nas artes, pois é a arte que toma vida diante dos olhares das pessoas e possui o poder de atração através de elementos que apreendem a atenção dos espectadores que estão em contato com o mundo audiovisual. A este respeito, Xavier (2008) afirma que

Desde o período do cinema mudo fez-se explícito o interesse pela análise da dimensão educativa do cinema em seus vários gêneros. De um lado, o cinema incorpora aquela dimensão formadora própria às várias formas de arte que cumprem um papel decisivo de educação (informal e cotidiana); de outro, ele pode se inscrever de forma mais sistemática no processo educativo, seja pelo uso de qualquer gênero de filme (ficção, documentário) em sala de aula, com interação direta com a fala do professor, seja pela produção daquela modalidade especial a que se deu o nome de ‘filme educativo’, esse que supostamente se estrutura como ato comunicativo que apresenta, de um modo ou de outro, uma demarcação, uma metodologia de ensino, um princípio pedagógico, voltados para um domínio específico um item de grande sucesso comercial). (XAVIER, 2008, p. 14)

Mesmo havendo pesquisas e literatura especializada que pensam o filme como ferramenta de ensino, muitos professores ainda não o utilizam de modo significativo.

A esse respeito, Fantin (2007) afirma que

[...] o cinema tanto como instrumento como um objeto da intervenção educativa, envolvem as dimensões da fruição, da análise e da produção e implicam a participação crítica e criadora de crianças e professores. Assim, educa-se o gosto e a capacidade crítica a partir de uma visão plural, histórica e contextualizada, com a possibilidade de produção ampliando a relação do sujeito com o cinema pela mediação da educação e da cultura. (FANTIN, 2007, p. 11)

No momento que é realizada uma aula utilizando os recursos fílmicos e juntando educação e cultura, a aula se torna mais dinâmica e envolvente, possibilitando assim que os alunos consigam desenvolver um raciocínio crítico e se tornem pessoas com uma cultura mais ampla.



É atribuído aos irmãos franceses Louis e Augusto Lumière, em dezembro de 1895, o pioneirismo da sétima arte. Eles acreditavam que o cinema não exerceria nenhum fascínio para o público, não teria futuro algum, serviria apenas para fins científicos. Enganaram-se, o cinema é dos meios comunicacionais mais conhecidos e difundidos, com relevantes implicações econômicas, políticas e culturais na contemporaneidade.

Nesta esteira o filme precisa ser inserido no ambiente educacional, tendo em vista, que está repleto de conhecimento implícito ou explícito e valores sociais, valores comportamentais, valores éticos, valores capitalista e valores culturais. Enfim, o filme é um elemento que reproduz e atua na formação da cultura da sociedade (DEBORD, 1997), e não pode ser ignorado pela Educação.

Forquin (1993, p. 10.) afirma que

[...] quer se tome a ‘educação’ no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se a restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de cultura.

Para Cabrini et al (1987, p.39):

[...] entendemos por realidade mais próxima do aluno tudo o que está ligado à sua própria experiência de vida, que tem a ver com o que ele sente, pensa, sabe, se interessa, se preocupa etc., e que está marcado profundamente pela experiência do meio cultural que o envolve, dos grupos sociais nos quais ele está inserido. A questão sobre o objeto de estudo a ser trado deve ser suscitada pelo presente que o aluno vive.

Conhecer os educandos e sua realidade é estabelecer uma inter-relação professor e aluno. Só assim, conseguirá identificar com eficiência quais são os seus anseios, as suas dificuldades, as suas expectativas, etc. E criar novos métodos que consigam fazer uma junção entre o saber do aluno e os conteúdos pré-definidos pela escola, mas de uma forma que atraia de maneira significativa a atenção dos estudantes.

Tomando como ponto de partida o cotidiano do educando, observa-se que algo que está presente e marcante nessa realidade são os filmes. Essa mídia audiovisual tem exercido grande fascínio e uma influência cultural, social, e educacional bastante significativa sobre crianças, adolescentes e adultos. Napolitano (2005, p. 65) afirma que:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos, são sintetizados numa mesma obra.



Todos os filmes trazem dentro de sua estética questões sociais do cotidiano dos alunos e de suas famílias. Esses tipos de filmes na maioria tem um teor de reflexibilidade. Trabalhar os valores culturais e sociais que estão em um filme é de certa maneira estabelecer um elo entre cotidiano do discente e a escola. Segundo Xavier (1983), o cinema é muito importante para a construção da cultura de uma sociedade, tendo em vista que cria uma relação filme/expectador e consegue tornar possível o repasse de aspectos sociais de forma mais difundida entre os expectadores de todas as idades e classes sociais.

Ferrés (1996) e Moran (1998) desenvolveram alguns conceitos para dar um suporte para os professores usuários desta tecnologia áudio visual. Estes pesquisadores chamam atenção para duas perspectivas frequentes de emprego de filmes, quais sejam: vídeolição e programa motivador. Esta última se caracteriza pela intenção de proporcionar motivação de um tema ou assunto. Moran (1998) define esta dimensão como recurso de sensibilização. Já o emprego do filme como vídeolição consiste de seu uso como uma ferramenta de aula expositiva, na qual, a tecnologia substitui o professor.

3 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como exploratória. Para consecução da pesquisa foram entrevistados professores da rede de ensino fundamental do município de Gurupá. Essa coleta de dados ocorreu no período compreendido entre novembro e dezembro de 2014.

A pesquisa foi realizada em três momentos: no primeiro momento, realizou-se uma investigação para identificar quais os educadores que empregavam o filme como estratégia educativa em sala de aula; no segundo, aplicou-se uma entrevista semiestruturada a seis docentes que atuam no ensino fundamental II, especificamente com as disciplinas de Língua Portuguesa, História e Religião, fazendo uso de um roteiro de perguntas, baseado em Napolitano (2011), com objetivo de diagnosticar a forma de utilização do gênero fílmico pelos entrevistados; no terceiro momento foi realizada a montagem estrutural e estética do trabalho científico, em que constituiu a transcrição digital dos comentários dos participantes da pesquisa, observado minuciosamente as entrevistas de cada participante e colocado em ordem adequada as informações coletadas.

O roteiro de entrevista foi composto de: questões de identificação dos informantes, como idade, sexo, disciplinas, níveis de escolarização, nível de formação e tempo de atuação profissional e; oito perguntas fechadas e abertas que versaram sobre a percepção dos docentes sobre o lugar do gênero filme na escola e, como fazem emprego de seus recursos audiovisuais e comunicacionais. O roteiro de entrevista tem como principal aporte teórico a obra de Napolitano (2011).

[...] o importante é o professor que queira trabalhar sistematicamente com o cinema se pergunte: qual o uso possível deste filme? A que faixa etária escolar ele é mais adequado? Como vou abordar um filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a cultura cinematográfica dos meus alunos? (NAPOLITANO, 2011, p. 12).

Outros escritores e intelectuais no ramo do cinema como Xavier (2008) e Fantin (2007), enfatizam em algumas das suas entrevistas que é de suma importância quem for trabalhar com o filme como instrumento educacional, fazer uma análise minuciosa nos procedimentos que irão ser adotados para desenvolver o instrumento de aprendizagem na aula e realizar um diagnóstico completo na turma antes de repassar qualquer produção audiovisual.

4 O FILME E AS PRÁTICAS DE ENSINO EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em relação à faixa etária os dados da pesquisa demonstram que a metade dos professores pesquisados tem entre 20 e 30 anos de idade e os outros 50% têm entre 30 e 40. Dois informantes são do sexo masculino e quatro do sexo feminino. No que diz respeito à disciplina, 66% trabalham com Língua Portuguesa, 1% com História e 17% com Ensino Religioso. Todos os colaboradores lecionam do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de 9º anos e todos usam o filme como instrumento no processo de ensino-aprendizagem, mas cada um de maneira diferente.

Em relação ao nível de formação, 66% estão concluindo o nível superior em Letras – Língua Portuguesa, 17% tem o magistério em educação infantil e 17% tem o nível superior em História. Em referencia o tempo de carreira, 33% tem entre 5 a 10 anos de docência e 67% tem entre 10 a 15 anos atuação profissional.

No que diz respeito à frequência de utilização do filme em sala de aula: 1 (UM) entrevistado afirmou fazer uso de filmes mais de seis vezes por semestre; 2(DOIS) afirmaram fazer uso deste recurso no máximo uma vez por semestre; 3 (TRES) disseram fazer uso de duas a seis vezes no semestres.

Quanto à perspectiva de emprego do gênero filme como instrumento didático educativo, 3 (TRES) acreditam ser um instrumento excelente para ser utilizado em aula, 1 (UM) acredita ser um recurso razoável para ser desenvolvido em sala de aula e outros 2 (DOIS) o avaliam como recurso que em alguns momentos devem ser usado em classe.

Em relação à forma com que o professor costuma utilizar essa mídia no processo de ensino e aprendizagem, 4 (QUATRO) asseveram empregá-lo como vídeolição em complemento a conteúdos ministrados em aula oral e leituras e, 2 (DOIS) informam que fazem uso prevalente como ferramenta motivacional.



Quanto às dificuldades encontradas na aplicação do gênero filme em sala de aula, todos os professores afirmam que não existe material didático na escola que ofereça suporte para utilizar o cinema em classe, há também dificuldades para reservar os equipamentos necessários, 5(CINCO) informantes afirmam que a falta de tempo como principal problema, 33% (2 informantes) têm dificuldades para manusear os equipamentos fornecidos devido à complexidade tecnológica e somente 16% afirmam que não encontram dificuldade.

Em relação às tecnologias utilizadas para a transmissão do vídeo todos os informantes afirmam que os equipamentos não são suficientes para atender à demanda. Por essa razão, a maioria dos professores afirma que fica complicado planejar as suas atividades com emprego de recursos audiovisuais, sendo assim, fica claro que ocorrem problemas para o agendamento dos equipamentos ao longo do semestre, dificultando assim o seu uso.

OS COMENTÁRIOS DOS DOCENTES ENTREVISTADOS SOBRE A UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA EDUCACIONAL “FILME” EM SUAS AULAS

Tomando como base o roteiro de perguntas da entrevista, pode-se concluir que houve uma diferença entre as respostas dos participantes. Consta-se essa afirmativa analisando a resposta dos entrevistados em relação à primeira pergunta em que 100% dos participantes utilizam o filme para enriquecer as suas disciplinas, dessa porcentagem 33% fazem uso também de documentários, 67% passam o filme na íntegra, 33% passam na forma de recortes, mas ao passar o gênero fílmico na íntegra os professores tem muita dificuldade, como afirma a Professor 5.

eu passei todo o filme, mas tive que negociar os horários com a outra professora, porque o filme que eu iria passar era de uma duração de 1 hora e 40 minutos e não tinha como eu passa só nos meus horários, em razão deu ter naquela turma 2 horários de 30 minutos. Por isso que tive que utilizar um tempo da companheira de trabalho. (P5)

A situação do tempo é muito complicado quando se pensa em fazer uso da produção audiovisual nas aulas. Em um dos seus artigos o professor Nascimento (2008), relata um modo para tentar resolver essa problemática, ele afirma que,

[...] É nessa fase que o professor deve decidir-se se exhibe o filme na íntegra ou apenas parte dele. O tempo disponível na educação básica, em média 100 minutos (sequência de duas aulas), provoca essa preocupação. Mas são os objetivos da aula que nortearão essa decisão. Em *Nascido para matar*, por exemplo, nosso objetivo é discutir a construção ideológica do discurso militarista norte-americano. A primeira parte do filme, o momento do treinamento dos soldados, que termina tragicamente com um assassinato e um suicídio, fruto do rigor da formação e do catecismo militar, é suficiente para promover o debate. (NASCIMENTO, 2008, p. 14, grifos do autor)

Em outras palavras o professor tem que procurar a melhor estratégia para repassar o filme. Observando qual o tema central da obra audiovisual e em qual momento na sequência narrativa



fílmica passa o tema principal, a parte fundamental encontrada é só utilizar esse momento do filme para realizar uma aula.

O filme apresenta vários elementos estéticos como: personagem, figurino, trilha sonora, cenário, linguagem, etc. Dos professores entrevistados 83% não explicam para os alunos os elementos audiovisuais, somente 17% abordam diretamente a estética fílmica, como afirma o Professor 1.

[...] eu não trabalho explicando personagem, figurino, atento mais para o tema gerador, que se encaixa no trabalho que estou fazendo em sala e que tem a ver com o assunto que estou passando da minha disciplina. (P1)

No relato do professor 1, fica claro que é deixado de lado aspectos audiovisuais que são importantes que fazem parte do cinema, pois é através destes pequenos detalhes que é formado toda a narrativa da produção fílmica. Nascimento (2008) afirma que

Uma das orientações que o professor deve fazer é pedir que os alunos prestem atenção nos detalhes dos ângulos, nos planos e enquadramentos, aqueles detalhes que o diretor fez questão de ressaltar.[...] Prestar atenção na justaposição de imagens, diálogos e música. Essa relação revela discursos embutidos, explícita ou implicitamente, na obra. [...] Nada é fortuito. As imagens trazem em si um emaranhado de significados que, à primeira vista, não é perceptível. [...] Filmes, associados às outras linguagens, como uma fotografia ou uma matéria de um jornal, sobretudo quando bem trabalhados, podem contribuir satisfatoriamente para a construção do conhecimento histórico entre os alunos.[...] (NASCIMENTO, 2008, p. 15)

Os Professores 1, 2 e 3 ao serem indagados sobre a metodologia utilizada para repassar o instrumento de aprendizagem (filme ou documentário) relataram que explicam as partes principais do filme antes de passar e sua temática, após a exibição pedem para os alunos falarem o que entenderam e criam um debate em sala e repassam uma atividade para os educandos realizarem.

Antes de passar um documentário, eu procuro sempre esclarecer os alunos do que vai ser assistido. Na hora da exibição eu prefiro para o documentário e vou explicando para ficar mais fácil para os alunos entenderem [...] (P1)

[...] eu apresentei para os alunos um slide que tinha um resumo breve do filme e depois de ter passado por todo esse processo que eles foram assistir o filme. Depois que terminou o filme os alunos fizeram uma atividade de criar um texto dando sua opinião sobre o assunto do filme contra ou a favor, os pontos positivos ou negativos [...] (P2)

[...] eu primeiro expliquei para os alunos como é que ia ser a aula, expliquei porque eles iriam assistir o filme, qual era o objetivo, que era trabalhar as crônicas e criar uma redação com o tema crônica e depois que terminou o filme falei de novo o que tinha passado no filme e os alunos fizeram uma socialização do filme e na outra aula eles começaram fazer a redação [...] (P3)

Em relação à metodologia realizada: todos esclarecem o filme antes de exibir; 84% após o filme passam uma atividade (videolição); 16% só passam o filme (programa motivador). Nesse sentido, os P1, P2 e P3 não fazem uso de um roteiro que contenha a sinopse do filme, alguns dados



como tempo de duração, gênero narrativo entre outros recursos descritivo-analíticos. Nascimento (2008) e Napolitano (2011, p. 81) afirmam que:

Antes da exibição do filme, o professor deve expor o seu planejamento aos alunos e entregar cópias do plano. Nele, de forma resumida, o professor deve apresentar a sinopse do filme, algumas informações sobre o diretor e os pontos para discussão. (NASCIMENTO, 2008, p. 14)

Qualquer que seja o tipo de exibição escolhida pelo professor, é de fundamental importância a elaboração de um roteiro de análise. Mesmo que o professor e os alunos optem por uma primeira assistência livre [...] (NAPOLITANO, 2011, p. 81)

A proposta desse roteiro é que os alunos tenham uma noção do que vai ser assistido. Tendo em vista, que no roteiro estará sendo pedido que os alunos procurem informações sobre o filme. Toda e qualquer ferramenta que é utilizada como instrumento didático tem suas peculiaridades. O filme não é uma exceção, pois tem que ser tomado alguns cuidados antes de reproduzir um filme, como: faixa etária que o filme é recomendado e os vários valores culturais, sociais, de grandeza, de enriquecimento, afetivos e familiares e muitos outros valores que estão implícitos ou explícitos em um filme.

Segundo Fantin Mônica (2007, p. 04) “por ser um instrumento que difunde costumes e formas de vida de diversos grupos sociais, o cinema difunde o patrimônio cultural da humanidade”. Desta feita para Napolitano (2011, p. 19) “o professor ao escolher os filmes para a sala de aula deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e morais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles”.

Em referencia à faixa etária e os valores, 33% dos entrevistados não observam as questões de faixa etária que são indicadas para assistir o filme, 67% não relatam em sala de aula que as produções audiovisuais agregam valores. Isto fica evidente nas falas dos Professores 1 e 3.

[...] eu só me remeto à idade do aluno que são de 15 a 20 anos de idade, porque são alunos maiores já maduros que estudam no 8º e 9º anos [...] pois é eu fico mais na questão do tema do filme eu não levo essa questão dos valores culturais que o filme representa é importante trabalhar essa questão, mais eu não trabalho dessa forma, trabalho com o tema em si [...] (P1)

[...] o assunto que eu estava passando era de 9º ano para os alunos que são maiores, eu não atentei tanto para a idade dos alunos [...] a é interessante essa questão de valores, eu fiz a abordagem do valor do filme e da importância do filme pra eles [...] (P3)

Analisando o relato dos entrevistados Professores 1 e 2 constata-se que eles não tomam cuidado com a classificação indicada do filme. A esse respeito Napolitano (2011, p. 19) observa que:

O professor deve lembrar, sempre, que ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para o seu próprio deleite intelectual ou emocional. Portanto, é preciso refletir sobre o público-alvo da atividade planejada, conhecendo seus limites e suas possibilidades gerais (faixa etária, etapa de aprendizagem), [...]



Todos os professores que participaram das entrevistas não fizeram nenhuma formação sobre o uso dos elementos fílmicos. Segundo Nascimento (2008, p. 9) “[...] a formação e as condições de trabalho exercem uma influência decisiva no desempenho da prática docente sendo, portanto, dois aspectos importantes da educação”. Por outro lado Napolitano (2005, p. 57) assevera que:

O professor não precisa ser um crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes em sala de aula. Mas, o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho [...] Existe elementos sutis e subliminares que transmite ideologia e valores tanto quanto à trama e os diálogos explícitos.

Neste contexto o planejamento assume um papel fundamental. Porém dados da pesquisa demonstram que 100% dos entrevistados não expõem/preveem em seu planejamento semestral e anual atividades que envolvam o emprego do gênero filme em suas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podem-se elencar alguns aspectos visivelmente comuns nos relatos. Ficou visível o interesse por parte da maioria dos professores em utilizar o filme no ambiente escolar, lembrando que neste contexto o professor continuará sendo o mediador do conhecimento e sua prática deve irrefutavelmente estar pautada numa perspectiva criativa, crítica, reflexiva e, acima de tudo, de aquisição e desenvolvimento intelectual.

O comprometimento do docente é um aspecto imprescindível na inserção e no avanço de qualquer prática pedagógica, sobretudo na relação cinema e educação. Desse modo a utilização do cinema como um recurso didático de ensino implica reconhecer o papel dessa linguagem para o professor e na formação de cada aluno, de suas formas de ver e estar no mundo.

Fica evidente que a escola precisa promover formas de interpretação crítica dos filmes como produtos culturais que são e os professores precisam ter a consciência quanto à importância/influência da leitura de imagens e como estas exercem um papel significativo na formação das pessoas. E todas as escolas tem que oferecer um suporte tanto tecnológico, estrutural e documental para os docentes poderem desenvolver o filme de maneira mais eficaz.

E, sobretudo, os profissionais da educação têm que estudar métodos que verdadeiramente possibilitem a transmissão de conhecimentos para os alunos e realizar um planejamento antes de passar um filme. Pois, tudo sem ser planejado acaba não surtindo os seus verdadeiros efeitos.

REFERÊNCIAS

CABRINI, C et al. **O ensino de história**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FANTIN, M. **Mídia-educação e cinema na escola**. Rio de Janeiro, 2007. 13 p. (Trabalho apresentado no 1º colóquio de pesquisa educação e mídia: diálogos entre culturas. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

FERRÉS, J. **Vídeo e educação**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FORQUIN, C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MORAN, J. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 07, Pg. 36- 49, jul/dez 1998.

NASCIMENTO, J. C. Cinema e ensino de história: realidade Escolar, propostas e práticas na sala de Aula. **Fenix Revista de História e Estudos Culturais**, Bahia, n. 2, p. 2- 23, jun. 2008.

PELLEGRINI, T. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: PELLEGRINI, T; et al. **Literatura, Cinema e Televisão**. São Paulo: SENAC/ITAÚ CULTURAL, 2003.

XAVIER, I. Um Cinema que “Educa” é um Cinema que (nos) Faz Pensar. (entrevista concedida a Revista Educação). **Revista Educação**, Rio de Janeiro, ano 33, n. 1, p. 14- 15, jan/jun 2008.